

XLV

NO CAMPO DA MÚSICA

A tardinha, Lírias convidou-me para acompanhá-la ao Campo da Música.

— É preciso distrair-se um pouco, André! — disse ele, gentil.

Vendo-me relutante, acentuou:

— Falarei a Tobias. A propria Narcisa consagrou o dia de hoje ao descanso. Vamos! Eu, porém, observava em mim mesmo singular fenômeno. Não obstante a escassez dos meus dias de serviço, já dedicava grande amor áquelas Camaras. As visitas diárias do Ministro Genésio, a companhia de Narcisa, a inspiração de Tobias, a camaradagem dos companheiros, tudo isso me falava particularmente ao espírito. Narcisa, Salustio e eu, aproveitavamos todos os instantes de folga para melhorar o interior, aqui e ali, suavizando a situação dos enfermos, que estimavamos de todo o coração, como se fossem nossos filhos. Considerando a nova posição em que me encontrava, acerquei-me de Tobias, a quem o enfermeiro do Auxilio dirigiu a palavra com respeitoso intimidade. Recebendo a solicitação, meu iniciador no trabalho anuiu satisfeito:

Ótimo programa! André precisa conhecer o Campo da Música.

E, abraçando-me:

— Não hesite. Aproveite! volte á noite, quando quiser. Todos os nossos serviços estão convenientemente atendidos.

Acompanhei Lírias, reconhecidamente. Atingindo-lhe a residencia, no Ministerio do Auxilio, tive a satisfação de rever a senhora Laura e informar-me, quanto ao regresso da abnegada mãe de Eloisa, que deveria regres-

sar do planeta, na proxima semana. A casa estava repleta de contentamento. Havia mais beleza no interior doméstico, novas disposições no jardim.

Despedindo-nos, a dona da casa me abraçou e falou bem humorada:

— Então, doravante, a cidade terá mais um frequentador para o Campo da Música! Tome cuidado com o coração!...

E, sorrindo com o nobre otimismo de sempre, acenou:

— Quante a mim, ainda ficarei hoje em casa. Vigar-me-ei de voos, porém, muito breve! Não me demorei a buscar meu alimento na Terra!...

Em meio da geral alegria, ganhamos a via pública. As jovens faziam-nos acompanhar de Polidor e Estácio, com quem palestravam animadamente. Lírias, a meu lado, logo que deixamos o aeróbus numa das praças do Ministerio da Elevação, disse carinhoso:

— Finalmente, vai você conhecer minha noiva, a quem tenho falado muitas vezes a seu respeito.

— É curioso — observei intrigado — encontrarmos noivados também por aqui...

— Como não? — Vive o amor sublime no corpo mortal, ou alma eterna? Lá, no círculo terrestre, meu caro, o amor é uma espécie de ouro abafado nas pedras brutas. Tanto o misturam os homens com as necessidades, os desejos e estados inferiores, que raramente se diferenciará a ganga do precioso metal.

A observação era lógica. Reconhecendo o efeito benéfico da explicação, prosseguiu:

— O noivado é muito mais belo na espiritualidade. Não existem véus de Ilusão a obscurecer-nos o olhar. Somos o que somos. Lassainha e eu já fracassámos muitas vezes nas experiências materiais. Devo confessar que quase todos os desastres do pretérito tiveram origem na minha imprevidência e absoluta falta de auto-domínio. A liberdade que as leis sociais do planeta conferem ao sexo masculino, ainda não foi devidamente compreendida por nós outros. Raramente algum de nós a utiliza no mundo em serviços de espiritualização. A miúdo, conver-

temo-la em resvaladouro para a animalidade. As mulheres, ao contrário, têm tido, até agora, a seu favor, as disciplinas mais rigorosas. Na existência passageira, sofrem-nos a tirania e suportam o peso das nossas implicações; aqui, porém, verificamos o reajusteamento dos valores. Só é verdadeiramente livre quem aprende a obedecer. Parece paradoxo e, todavia, é a expressão da verdade.

— Contudo — indaguei — tem você em mira novos planos para os círculos carnais?

— Nem pedia ser de outro modo — explicou ele — pressuroso — necessário enriquecer o patrimônio das experiências e, além disso, minhas dívidas para com o planeta são ainda enormes. Lascínio e eu fundaremos aqui, dentro em breve, nossa casinha de felicidade, crendo que voltaremos à terra precisamente daqui a uns trinta anos.

Havíamos alcançado as cercanias do Campo da Música. Luzes de indescritível beleza banhavam extenso parque, onde se ostentavam encantamentos de verdadeiro conto de fadas. Fontes luminosas traçavam quadros surpreendentes. Um espetáculo absolutamente novo para mim.

Antes que pudesse manifestar minha profunda admiração, Lísias recomendou bem humorado:

— Lascínio sempre se faz acompanhar de duas irmãs, às quais, espero faça você as honras de cavaleiro.

— Mas, Lísias... — respondi reticencioso, considerando minha antiga posição conjugal — você deve compreender que estou ligado à Zélia...

O enfermeiro amigo, nesse instante, riu a valer, acrescentando:

— Era o que faltava! Ninguem quer ferir seus sentimentos de fidelidade. Não creio, no entanto, que a união esponsalícia deva trazer o esquecimento da vida social. Não sabe mais ser o irmão de alguém, André?

Ri-me, desconsertado e nada pude replicar.

Nesse momento, atingimos a faixa de entrada, onde Lísias pagou gentilmente o ingresso.

Notei, ali mesmo, grande grupo de passeantes, em torno dum gracioso coreto, onde um corpo orquestral de reduzidas figuras executava música leve. Caminhos marginados de flores desenhavam-se à noite, dando acesso ao interior do parque, em várias direções. Observando minha admiração pelas canções que se ouviam, o companheiro explicou:

— Nas extremidades do Campo, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender arte sublime; mas, no centro, temos a música universal e divina, a arte sanctificada, por excelência.

Com efeito, depois de atravessarmos alamedas risinhas, onde cada flor parecia possuir seu reino particular, comecei a ouvir maravilhosa harmonia dominando o céu. Na Terra, há pequenos grupos para o culto da música fina e multidões para a música regional. Ali, contudo, verificava-se o contrário. O centro do campo estava repleto. Eu havia presenciado numerosas aglogações de gente, na colônia, extasiara-me ante a reunião que o nosso Ministro consagrara ao Governador, mas o que via agora excedia a tudo que me deshumbrara até então.

A sociedade de "Nosso Lar" apresentava-se em magnífica fórmula.

Não era luxo, nem excesso de qualquer natureza, o que proporcionava tanto brilho ao quadro maravilhoso. Era a expressão natural de tudo, a simplicidade confundida com a beleza, a arte pura e a vida sem artifícios. O elemento feminino aparecia na paisagem, revelando extremo apuro de gosto individual, sem desperdício de adornos e sem trair a simplicidade divina. Grandes árvores, diferentes das que se conhecem na Terra, guarnecem belos recintos, iluminados e acolhedores.

Não sólamente os pares afetuosos demoravam nas estradas floridas. Grupos de senhoras e cavalheiros entrelinham-se em animada conversação, valiosa e construtiva. Não obstante sentir-me sinceramente humilhado, pela minha insignificância ante aquela aglomeração suntuosa, experimentava a mensagem silenciosa, de sim-

patia, no olhar de quantos me defrontavam. Ouvia frases soltas, relativamente aos círculos carnais, e, contada em nenhuma palestra notei o mais leve laivo de malícia ou de acusação aos homens. Discutia-se o amor, a cultura intelectual, a pesquisa científica, a filosofia edificante, mas todos os comentários tendiam à esfera elevada do auxílio mútuo, sem qualquer atrito de opiniões. Observei que, ali, o mais sabio restringia as vibrações de seu poder intelectual, ao passo que os menos instruídos elevavam, quanto possível, a capacidade de compreensão, para absorver as dádivas do conhecimento superior. Nas palestras numerosas, recolhia referências a Jesus e ao Evangelho, e, no entanto, o que mais me impressionava era a nota de alegria reinante em todas as conversações. Ninguém recordava o Mestre com as vibrações negativas da tristeza inítil, ou do injustificável desalento. Jesus era lembrado por todos como supremo orientador das organizações terrenas, visíveis e invisíveis, cheio de compreensão e bondade, mas também conciente da energia e da vigilância necessárias à preservação da ordem e da justiça.

Aquela sociedade otimista encantava-me. Diante dos olhos, tinha concretizadas as esperanças de grande número dos pensadores verdadeiramente nobres, na Terra.

Grandemente maravilhado com a música sublime, ouvi Lírias dizer:

— Nossos orientadores em harmonia, absorvem raízes de inspiração nos planos mais altos e os grandes compositores terrestres não, por vezes, trazidos às esferas como a nossa, onde recehem algumas expressões melódicas, transmitindo-as, por sua vez, aos ouvidos humanos, adorando os temas recebidos com o gênio que possuem. O Universo, André, está cheio de beleza e sublimidade. O facho resplendente e eterno da vida procede originalmente de Deus.

O enfermeiro do Auxílio, todavia, não pôde continuar.

Fôramos defrontados por gracioso grupo. Lascinias e as irmãs haviam chegado e era preciso atender aos imperativos da confraternização.

XLVI

SACRIFÍCIO DE MULHER

Um ano se passou em trabalhos construtivos, com imensa alegria para mim. Aprendera a ser útil, encontrara o prazer do serviço, experimentando crescente jubilo e confiança.

Até ali, não voltara ao lar terrestre, apesar do imenso desejo que me espalhava o coração. Às vezes, tentava pedir concessões, nesse particular, mas alguma cousa me tolhia. Não recebera auxílio adequado, não contava, ali, com o carinho e apreço de todos os companheiros? Reconhecia, portanto, que, se houvesse proveito, de há muito teria sido encaminhado ao velho ambiente doméstico. Cumpria, pois, aguardar a palavra de ordem. Além disso, não obstante desdobrar atividades na Regeneração, o Ministro Clarceno continuava a responsabilizar-se pela minha permanência na colonia. A senhora Laura e o próprio Tobias não se cansavam de me lembrar esse fato. Por diversas vezes tinha defrontado o generoso Ministro do Auxílio e no entanto, mantinha-se ele sempre silencioso sobre o assunto. Aliás, Clarceno nunca modificava a atitude reservada, no desempenho das obrigações concernentes à sua autoridade. Apenas pelo Natal, quando me encontrara nos festejos da Elevação, tocara levemente no assunto, adivinhando-me as saudades da esposa e dos filhinhos. Comentara as alegrias da noite e asseverara não andar longe o dia em que me acompanharia ao ninho familiar. Agradeci, comovida-